

MEMÓRIAS DE UM GOLPE: ITUIUTABA, MG, BRASIL (1964)¹

MEMOIRS OF A COUP: ITUIUTABA, MG, BRAZIL (1964)

MEMORIAS DE UN GOLPE: ITUIUTABA, MG, BRASIL (1964)

Dalva Maria de Oliveira Silva²
Caio Vinicius de Carvalho Ferreira³

Resumo: No dia 1º de abril do ano de 1964, ocorreu um golpe de Estado no Brasil, no qual as forças armadas em conjunto com uma parcela da população tomaram os cargos políticos e instauraram um governo autoritário. Mas esse evento não teve reflexos apenas em âmbito nacional. No estado de Minas Gerais, no pontal do Triângulo Mineiro, longe das capitais, na cidade de Ituiutaba o golpe civil-militar se fez sentir em forma de intervenção. A chegada de uma junta militar armada em cooperação com civis do município forçaram a renúncia do prefeito, do vice, e de alguns vereadores, além da prisão de três desses últimos e de um assessor do prefeito. Essa junta também fechou um jornal local, a *Folha de Ituiutaba*, culminando na prisão do dono da folha e de seu redator chefe, que foram levados ao Departamento de Ordem Política (DOPS) em Belo Horizonte e obrigados a prestar depoimento. Esse trabalho tem por objetivo central, analisar os desdobramentos do Golpe Civil-Militar em Ituiutaba, procurando entender o processo histórico e quais foram os motivos, as ações e reações a esses acontecimentos e de que forma foram sentidos, vivenciados e executados. Pretendemos demonstrar como o Golpe teve impacto em outros lugares do país, para além dos grandes centros urbanos.

Palavras-Chave: Repressão, Política, Memória, Golpe Civil-Militar, Interior.

Abstract: On April 1st of 1964, a coup took place in Brazil, where the armed forces together with a portion of the population have taken political positions and have established an authoritarian government. But this event was not only reflected nationwide. In the state of Minas Gerais, in spit of Triângulo Mineiro, far from the capital, the city of Ituiutaba civilian - military coup was felt in the form of intervention. The arrival of a military junta armed civilians in coopera-

¹ Este texto é resultado de uma monografia defendida em setembro de 2013, no Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal intitulada: “Memórias Da Repressão: O Golpe Civil-Militar Em Ituiutaba – MG (1964)”.

² Universidade Federal de Uberlândia/Campus Pontal (FACIP/UFU), Ituiutaba, MG, Brasil, E-mail: dalva@pontal.ufu.br

³ Universidade Federal de Uberlândia/Campus Pontal (FACIP/UFU), Ituiutaba, MG, Brasil, E-mail: caiovdceferreira@gmail.com

tion with the municipality forced the resignation of the mayor, the deputy, and some aldermen, and the imprisonment of these last three and a deputy mayor. This joint also closed a local newspaper, *Folha de Ituiutaba*, culminating in the arrest of the owner of the sheet and its chief editor, which was brought to the Department of Political Order (DOPS) in Belo Horizonte and forced to testify. This work has as main objective, to analyze the consequences of the Civil - Military Coup in Ituiutaba, seeking to understand the historical process and what were the motives, actions and reactions to these events and how they were felt, experienced and executed. We intend to demonstrate how the impact had hit elsewhere in the country, in addition to the major urban centers.

Keywords: Punishment, Politics, Memory, Civil - Military Coup, Interior.

Resumen: El 1 de abril de 1964, un golpe de Estado tuvo lugar en Brasil, donde las fuerzas armadas, junto con una parte de la población han tomado posiciones políticas y han establecido un gobierno autoritario. Pero este evento no sólo se reflejó en todo el país. En el estado de Minas Gerais, en la lengua de Triângulo Mineiro, lejos de la capital, la ciudad de Ituiutaba golpe cívico- militar se hizo sentir en la forma de intervención. La llegada de un militar a civiles armados de la junta, en cooperación con el municipio obligó a la dimisión del alcalde, el diputado, y algunos concejales, y el encarcelamiento de estos tres últimos y un teniente de alcalde. Este conjunto también cerró un diario local, *Folha de Ituiutaba*, que culminó con la detención del propietario de la hoja y su redactor jefe, que fue llevado al Departamento de Orden Político (DOPS), en Belo Horizonte y obligado a testificar. Este trabajo tiene como objetivo principal, para analizar las consecuencias del golpe de Estado cívico-militar en Ituiutaba, buscando entender el proceso histórico y cuáles fueron los motivos, las acciones y las reacciones a estos eventos y cómo se sentían, con experiencia y ejecutados. Tenemos la intención de demostrar cómo el impacto había golpeado en otras partes del país, además de los grandes centros urbanos.

Palabras clave: Pena, Política, Memoria, Golpe cívico-militar, Interior.

Introdução:

A cidade de Ituiutaba, pertencente à microrregião do chamado Pontal do Triângulo Mineiro. Durante a década de 1960, era um polo nacional de produção de arroz, recebendo o título de “capital do arroz”. Neste trabalho, procuramos, a partir de narrativas históricas, demonstrar que houve repressão e arbitrariedades na cidade Ituiutaba mediante o golpe civil-militar de 1964; refletir sobre o impacto dessa repressão; analisar como as pessoas se reorganizaram a partir desse processo no Pontal do Triângulo Mineiro e, assim, compreender a trama histórica, que diz respeito ao processo de deposição dos agentes do poder público municipal de Ituiutaba, no limiar da ditadura militar que se instaurou no Brasil. Recorremos a relatos e documentos sobre sujeitos que estiveram direta e/ou indiretamente envolvidos

nesses episódios.

O poder executivo municipal de Ituiutaba no ano de 1964 estava a cargo de José Arcênio de Paula, que tinha como seu vice Rodolfo Leite de Oliveira, ambos do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). A Câmara municipal era composta por vereadores pertencentes a diferentes partidos, dentre os quais, cinco pertenciam ao PTB. No desenrolar das mudanças políticas desencadeadas pelo golpe civil-militar, os gestores municipais foram surpreendidos pela intervenção de uma junta militar comandada pelo Capitão Cláudio Rech com o endosso de integrantes locais da União Democrática Nacional (UDN). Esse evento caracteriza efetivamente a teoria do golpe “civil-militar”. O que aconteceu em 1964, não foi um golpe somente dos militares contra João Goulart e sim uma cooperação com uma parcela de civis (DREIFUSS, 1981, p.361).

Outro elemento crucial para compreender as relações sociais que marcam esse período, foi o fechamento do jornal *Folha de Ituiutaba* de propriedade de Ercílio Domingues Silva, cuja linha editorial, comandada por Geraldo Sétimo, tinha fama de fazer apologia ao ideário de esquerda/revolucionário/comunista. Dessa forma, o jornal se tornou alvo da repressão. Os “golpistas” pretendiam acuar os cidadãos tijucanos para que nada de ameaçador ao poder instituído pudesse vir a acontecer nos anos que se seguiram – uma demonstração da força do aparato de prevenção da ditadura. Desse modo, qualquer manifestação que se aproximasse ou se assemelhasse com um posicionamento político/ideológico de esquerda era vista pelo recém-iniciado governo, como um perigo para a nação. Isso se encaixa dentro da teoria do golpe como sendo de caráter preventivo da ação e ameaças revolucionárias promovidas pela esquerda durante a Guerra Fria (FICO, 2004, p. 49). Ainda no ano de 1964, outro jornal de publicação local, o *Correio do Triângulo* no qual o diretor-comercial era Joaquim Pires das Neves e o redator-chefe era Jayme Gonzaga Jayme, com a implantação do novo regime político, passou a ser um veículo de comunicação representativo de ideais anticomunistas e alinhados com o discurso de José Féres (líder local da UDN) e do capitão Rech.

O golpe-civil militar gerou reflexos não somente em âmbito nacional, mas também em regiões interioranas do país. Porém, apesar da proeminência dos estudos sobre o regime militar nas últimas duas décadas, ainda são escassas as pesquisas voltadas a compreender como ocorreu esse processo políticos em cidades do interior do país. Ainda são poucos os estudos que se voltam à compreensão das experiências em centros urbanos periféricos (no sentido de centros urbanos distante das capitais dos estados), no que se referem à participação agentes políticos no golpe civil-militar.

Devemos entender que sempre ao esconder e/ou silenciar as outras narrativas dos acontecimentos passados e presentes essa história se torna “oficial”.

Compreendendo que para além da história oficial protagonizada pelos militares e pela direita, temos outra história “oficial”, sustentada em posicionamentos de esquerda, no qual tratam como sujeitos que lutaram contra o golpe, somente aqueles que empunharam arma ou protagonizaram acontecimentos de destaque, predominantemente articulados nos grandes centros urbanos, sendo que houve várias outras formas de resistência e repercussão.

Metodologia e Fontes

A metodologia da pesquisa recorreu à História Oral. Essa modalidade fundamenta-se na coleta de dados por meio de entrevistas, depoimentos e relatos de vida. Produzimos as fontes através de entrevistas gravadas e transcritas. Segundo Alberti (1989), o que efetiva o fazer da história oral é a realização de entrevistas. Especificamente do cerne do trabalho com a memória e com a história oral – na qual a investigação histórica e a prática científica aliam-se para produzir o conhecimento. Assim, essa tarefa deve, da parte dos pesquisadores, ser objeto de todo cuidado e dedicação: produzindo e elaborando roteiros, construindo instrumentos para o controle e acompanhamento das entrevistas, cuidando da carta de cessão de direitos do depoimento e tendo a consciência da especificidade da relação que se estabelece com o entrevistado. Para a autora,

[...] É realizado uma pesquisa, em arquivos bibliotecas e etc., e com base em um projeto, que se pode conduzir uma entrevista que se transformarão em documentos, os quais por sua vez serão incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas. A relação da história oral com arquivos e demais instituições de consulta a documentos é portanto, bidirecional: enquanto se obtêm das fontes já existentes, material para a pesquisa e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início. (ALBERTI, 1989, p.45).

Gravamos as entrevistas com sujeitos que testemunharam acontecimentos, aspectos e conjunturas. Atores históricos que presenciaram e concederam dar seus depoimentos para serem usados na pesquisa. Assim essas entrevistas foram tomadas como fonte, ao lado de documentos escritos e expostas à crítica para posteriormente o historiador produzir a narrativa que conta a história. Entendemos o desafio de trabalhar com esse tipo de metodologia, de como é importante lidar com a multiplicidade de memórias fragmentadas e divididas internamente que, de uma forma ou de outra, são ideologicamente e culturalmente medidas.

Juntamente com esses documentos, analisamos também, artigos da imprensa – como jornais e revistas locais. É necessário, ao analisarmos essas

fontes: “[...] relacionar textos e contextos: buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos” (FLAMRION; VAINFAS, 1997, p.378).

O acervo hemerográfico e as transcrições das entrevistas aqui utilizadas encontram-se no Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal – CEPDOMP, que fica localizado na Universidade Federal de Uberlândia – UFU, no Campus Pontal na cidade de Ituiutaba – MG.

Uma (nova) história política

Esse trabalho navega pelas águas da chamada nova história política, área que engloba várias esferas: como eleições, partidos, democracias, ditaduras, e golpes de estado – objeto central desse trabalho. A historiadora Marieta de Moraes Ferreira afirma que a história política gozou de grande prestígio durante todo século XIX. Porém, durante o século XX entrou em declínio. O movimento dos *Annales*, na primeira metade do século XX, apareceu dando um impulso e uma grande movimentação no mundo do campo histórico. Dessa maneira uma nova geração veio a criticar a hegemonia da história política, crendo que o econômico e o social deveriam ocupar um lugar fundamental (FERREIRA, 1992, p.266).

Essa velha história tinha problemas que os “novos historiadores” deveriam combater: uma história que era individualista, factual, subjetiva, elitista e anedótica. Logo a dimensão política dos fatos sociais foi marginalizada. Por esses, entre outros fatores, essa velha história política foi sendo desacreditada e abandonada ganhando descrédito no processo de democratização.

Porém essa situação começa a mudar quando o historiador francês René Rémond, na década de 1980, lança alguns trabalhos de considerações sobre a história política, em um livro em que é o organizador e autor, *Por uma história política* (1988). Essa obra reúne textos que formulam uma nova maneira de se escrever uma história da política. Uma obra coletiva, que representou a retomada de posição em defesa da história política, marcando assim o retorno dos estudos na esfera do político. Nesse trabalho Remond (1988) expõe as ideias de que o político tem uma consistência própria e que dispõe de autonomia perante outras instâncias da realidade. O autor deixa claras as condições internas que propiciaram a renovação da história política e também explica que nesse momento de renovação a história entra em contato com outras disciplinas, dentre elas a linguística, as ciências políticas, a psicanálise entre outras, abrindo novos campos para o conhecimento.

A nova história política na vertente de René Remond (1988) passou a englobar nos seus escritos da história: as relações políticas nas esferas do

interno e do externo, os partidos, as eleições, a religião, dentre outros temas. Entende que é importante reafirmar a conjuntura, reencontrar o papel do acontecimento e a influência das individualidades, reabilitando o fortuito e o singular. Para o autor, não há uma retorno, uma volta ou renovação da história política, essa história política é totalmente inovadora e inédita.

O Golpe Civil-Militar de 1964

Em uma perspectiva mais ampla a historiografia sobre o regime militar avançou muito nas duas últimas décadas. Existem estudos de grande relevância que elucidam de maneira bastante satisfatória a temática da ditadura e do Golpe Civil-militar. No entanto, um aspecto que caracteriza esses estudos é a predominância do foco nos acontecimentos protagonizados por personagens envolvidos no poder central. Com relação ao que ocorreu em instâncias mais periféricas - distantes dos grandes centros urbanos, como as capitais dos estados - é notável a carência de trabalhos orientados e produzidos a partir de uma fundamentação teórica e discursiva mais complexa, que considere as histórias locais, que realize uma análise cuidadosa das fontes a respeito da temática. Nesse sentido, podemos dizer que há uma lacuna na historiografia que constitui um campo vasto a ser explorado pela pesquisa histórica.

Os movimentos ocorridos a partir de 1964 tiveram as seguintes características: 1) Participação do estado na economia em especial na produção e na gestão do sistema financeiro (tornou-se o grande gerador e direcionou as ações político-econômicas do Brasil, limitando cada vez mais a participação de grupos locais), aumentando o caráter centralizador do governo federal. 2) Aumento das atribuições do executivo – o poder executivo passa a concentrar e desempenhar funções que antes estavam a cargo de outras instituições e/ou instâncias. 3) Aparato repressivo: Organiza-se e desenvolve-se atos, aparelhos e órgãos governamentais com a justificativa de zelar pela ordem e segurança, desse modo combatendo grupos que poderiam destruir a base e toda a estrutura constituinte dessa sociedade. 4) Diversas tentativas de legislação: como a ascensão política e administrativa se deu por meio de um golpe de estado, foram feitos vários atos e campanhas a fim de dar a sociedade e a comunidade internacional uma legitimidade dessa apropriação e das mudanças realizadas em seus órgãos gestores e deliberativos, além de atos institucionais que regulamentavam uma nova forma de atuação no poder executivo (MENDONÇA; FONTES, 1994, p.05-06).

Pessoas, grupos, categorias, classes e segmentos sociais tiveram suas ideias cerceadas pelo governo. Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis (2006) afirmam que o regime identificava todos que, de forma direta ou indireta, contribuíam para o desgaste do governo como oposição. Ser

oposição incluía: assinar manifestos, participar de manifestações e assembleias, dar conferências, escrever artigos, criar músicas, peças de teatro ou romances; emprestar a casa para reuniões e encontros políticos, guardar ou distribuir panfletos, abrigar alguém “subversivo”; fazer chegar à imprensa denúncia de torturas, participar de centros acadêmicos ou associações profissionais (ALMEIDA; WEIS, 2006, p. 328).

Segundo Daniel Aarão Reis (2004), o governo dos militares, durante sua vigência, teve vários momentos importantes que o fez perdurar por 21 anos. No início ele teve grandes propostas sendo chamado de Revolução, limitando as ações dos opositores, dando-lhes mínimas condições de agir. Porém, no ano de 1968, com o aumento dos abusos e cerceamento indiscriminado das liberdades civis, o governo perde a sua popularidade e legitimidade. A partir do ano de 1970, o governo com o chamado “Milagre Econômico”, conquista confiança da população, adquirindo sustentabilidade e reagrupando a ampla frente de forças de centro e de direita (que sustentou a intervenção militar em 1964) – agora em nome da eficiência e da modernização (REIS, 2004, p. 41).

Essa trama histórica de 1964 em Ituiutaba e a suas particularidades são um exemplo de que o Golpe afetou localidades para além dos lugares conhecidos pela atual historiografia sobre o tema. Há uma necessidade histórica que o tema – golpe e ditadura - seja trabalhado em lugares, para além dos grandes centros urbanos, assim ocupando lacunas que a historiografia tradicional que trabalha com os acontecimentos mais notórios (ocorridos em capitais e demais grandes centros urbanos) não consegue preencher.

Memórias e Experiências

O conceito de experiência possibilita pensar diferentes dimensões do social. É nesse sentido que entendemos a adequação deste conceito para a análise da trama política e das questões que cercavam a política tijuicana no conturbado contexto da ditadura civil-militar brasileira. Thompson (1981) afirma que por meio do conceito de experiência a pesquisa histórica pode responder as lacunas ou aspectos não considerados pela historiografia clássica. Thompson (1981) trás aos leitores o conceito de experiência histórica e cultural, como modelos catalisadores de ação social, ou seja, a experiência é um componente fundamental no fazer-se dos sujeitos. O processo de formação das classes sociais acontece, de fato, a partir de experiências históricas de conquistas e de aprendizados das mulheres e dos homens. As experiências históricas e suas articulações seriam inevitáveis e contínuas. Do ponto de vista do empirismo, é através de experiências que é possível elaborar uma teoria de explicação racional das mudanças na história.

O filósofo alemão Walter Benjamin (1985) revela a importância das

experiências narradas e transmitidas ao longo da história dos homens, de geração para geração. Experiência, que segundo o autor foi suplantada pela miséria da técnica, tornando os homens do século XX mais pobres. O autor afirma que, surge uma nova forma de miséria com o desenvolvimento da técnica, que se sobrepõe ao homem. Então na modernidade, cada vez mais, os homens vão se tornando ricos de vivência, enquanto ficam, cada vez mais, pobres de experiência. No caso tijuicano, esses sujeitos viveram em um momento complicado da história política do Brasil. Dessa maneira, o que de fato ganha valor nesse trabalho é a experiência de vida que atravessaram.

Entendemos que o interesse por questões de experiência (vivência, sentimentos e emoções) dos sujeitos sociais transformou a narrativa oral num peça importante para a investigação da história dos homens. E nesse núcleo a memória se constitui como fonte privilegiada para compreendermos a trama histórica

A historiadora Jacy Alves de Seixas (2001) define a memória como vinculada a acontecimentos felizes ou dramáticos, muitas vezes traumáticos, outras vezes aparentemente banais. A autora explica que a memória permanece inativa até que haja um estímulo no presente, assim ela se torna passível de ser reativada, atualizando o que já existiu um dia – experiência, fatos e emoções – que de fato nunca deixaram de estar lá: “Evitar lembrar, não querer lembrar, não suportar lembrar, sabendo de alguma forma que as lembranças subsistem e persistem em algum canto recôndito da memória”. (SEIXAS: 2001, p. 95)

Pollak (1992) afirma que a memória é feita de pessoas, acontecimentos, personagens e lugares. Esses acontecimentos podem ter sido vivenciados individualmente ou em grupos e coletividades, ao qual o indivíduo tem sentimento de pertencer. Algumas pessoas podem não ter vivido o acontecimento naquele tempo-espço, mas contribuem para criar a memória. Quanto aos lugares são aqueles que são ligados à lembrança particularmente que favorece o sentimento de pertencer. Acontecimento, personagens e lugares – colaboram para a constituição da memória, seja consciente ou inconscientemente. Então para o autor há uma ligação fenomenológica bem tênue entre o sentimento de identidade e a memória. (POLLAK, 1992, p.203).

O historiador distingue os fatos e as representações. E para isso é preciso entendê-las juntas para posteriormente distingui-las, pois as representações e os fatos não vivem em esferas isoladas. O uso da história oral acaba sendo essencial para o desenvolvimento do trabalho, por que somente o relato do vivido pode indicar o sentimento local das pessoas perante o fato. Daniel Aarão Reis (2004), explica que a memória é:

Imersa no presente, preocupada com o futuro, quando suscitada a memória é sempre seletiva. Provocada, revela, mas também silencia. Não raro, é arbitrária, oculta evidências relevantes, e se

compraz em alterar e modificar acontecimentos e fatos cruciais. Acuada, dissimula, manhosa, ou engana, traiçoeira. (REIS, 2004, p.29).

Na História, como já sabemos, acontecem constantemente enfrentamentos - como se fosse uma de guerra. A batalha pela memória é sempre contínua, enquanto a lembrança sobre um tema ainda existir, ela será usada como arma nessa batalha. E onde os que foram vitoriosos, no momento histórico, vão ter que lutar, também, eternamente para garantir-lhes esse troféu. Pois os “derrotados de ontem, na luta aberta, podem ser os vitoriosos de amanhã na memória coletiva” (REIS, 2004, p.30).

Ituiutaba e o Golpe: comando militar, UDN e deposições políticas

No jornal *Correio do Triângulo*, na data de 31 de maio de 1964, no qual o diretor-comercial era Joaquim Pires das Neves e o redator-chefe era Jayme Gonzaga Jayme, encontra-se um artigo no qual dá uma visão panorâmica do momento político:

A cidade viveu nesses últimos dias momentos de ‘suspense’ com a chegada inesperada do Comando Militar, para nova ação no Município. Tal acontecimento trouxe profundas modificações na política local. Como resultado da Ação do Comando Militar, o prefeito, sr. José Arsênio, o vice, dr. Rodolfo Leite de Oliveira; o presidente da Câmara, sr. Germano Laterza e os vereadores dr. Geraldo Luis Morais Andrade, Diógenes José de Souza, José Arantes de Oliveira, Cristóvão José Ribamar Nunes e o suplente Antônio Ferreira Neto, renunciaram a seus mandatos [...] de acordo com o Ato Institucional, o presidente da Câmara declarou vago os cargos em referência, elegendo [...] o sr. Geraldo Franco Gouveia prefeito municipal e para vice prefeito o dr. Jurandir Inácio Moreira [...] os suplentes de vereadores foram chamados para ocupar seus postos no executivo tijucano (JAYME, 1964,).

Ainda no jornal *Correio do Triângulo*, na data de 7 de junho de 1964, encontramos publicada uma entrevista com José Féres (Zinho) que no momento era presidente do diretório municipal da UDN. A entrevista inicia-se com uma explicação do por que da entrevista e quais foram às exigências para que ela fosse realizada:

Desejosos de esclarecer aos nossos leitores sobre os recentes acontecimentos que provocaram profunda modificação na vida política e administrativa deste município, procuramos na última quinta-feira o prócer udenista local, Dr. José Féres (Zinho), que nos atendeu com solicitude. O entrevistado recebeu-nos em seu escritório e exigiu que nossas perguntas fossem formuladas por

escrito. Os nossos quesitos e as respostas do entrevistado aí estão, para satisfação dos leitores curiosos, que não estão ainda a par da verdadeira situação política que modificou a estrutura política e administrativa do município [...]. (JAYME, 1964, p.1)

O pesquisador dos jornais, trabalha com algo que um dia foi notícia, desse modo leva a pensar o que levou a decisão de dar publicidade a tal coisa (LUCA, 2010, p. 140). Os jornais constituem, para o pesquisador, uma possibilidade rica de compreender processos históricos e contextos específicos em relação a diversos movimentos da sociedade.

Entregar antecipadamente as perguntas por escrito permite ao entrevistado que reflita sobre o que vai dizer na reportagem, assim o mesmo não fala de algo que possa ser comprometedor e se arrepender posteriormente, assim José Féres prepara suas respostas antes da entrevista.

O jornal questiona o motivo pelo qual há um comando militar na cidade de Ituiutaba, o presidente local da UDN responde que “não há propriamente um comando militar e sim uma comissão de inquérito, cuja finalidade é apurar atividades subversivas e malversação” (1964, p.1). Essa reportagem é destinada à população, assim se a intenção dessas respostas são de esclarecer esses acontecimentos, quando ele fala sobre a finalidade, acreditamos que a intenção é de passar aos cidadãos um sentimento de segurança, que esse comando veio para protegê-los dos corruptos e subversivos, quando na verdade reprime. Acreditamos que quando ele usa a palavra “atividades subversivas e malversação”, ele apresenta uma justificativa de que a deposição dos políticos locais, aconteceu para trazer a ordem à população local.

Quando é perguntado sobre a deposição do Prefeito, do vice-prefeito e dos vereadores do PTB, José Féres (Zinho) responde que: “Como a pergunta é subjetiva, deve ser endereçada a eles” (1964, p.1). Quando perguntam o porquê da escolha de Geraldo Franco Gouvêa como prefeito, José Féres usa de um argumento moralista que por fim não explica a escolha: “Quero crer que os vereadores, ao escolhê-lo, vislumbraram nele qualidades morais condizentes com o cargo além de capacidade administrativa e de liderança”. (1964,p.1). Entretanto o objetivo da UDN era impor seus representantes nos cargos administrativos da cidade. O presidente da UDN local encerra sua fala na entrevista com a frase: “Tão logo ultrapasse essa fase grave e de responsabilidade, espero que Ituiutaba afine com o “Espírito da Revolução” e integrada nos seus objetivos, encontrará – assim como o nosso país – seu verdadeiro destino” (1964, p.8). E o jornal *Correio do Triângulo* faz a finalização da entrevista com o seguinte parágrafo:

Com essa resposta, o senhor Dr. José Féres deu por encerrada sua palestra com a reportagem. Através dela podem os nossos leitores ter um ideia mais segura da verdadeira realidade política

e administrativa de Ituiutaba que volta ao seu período de paz, tranquilidade e trabalho. (1964, p.8).

O jornal com essas palavras tenta passar a sociedade um sentimento de ordem, proteção e segurança que supostamente o governo civil-militar em conjunto com a UDN oferecia. Quanto às denúncias de corrupção, Afonso Arinos de Andrade Faissol produtor rural e filho de Napoleão Faissol (que foi um importante personagem na vida política da cidade), relata que José Arcênio de Paula, usufruía de bens públicos para uso privado em sua fazenda, e que o udenista Geraldo Gouvêa Franco estava realizando investigações a respeito:

[...]já havia uma certa pendência com o Zé Arcênio, ele já tava usando maquina da prefeitura pra fazer serviço na fazenda dele e tal, o Geraldo Gouvêa tinha ido na fazenda dele tirado fotografia. Já tava meio enrolado mesmo. Ai eles chamaram, a revolução era deles... da UDN[...] (Afonso Arinos de Andrade Faissol, 23 de maio de 2012)

No Jornal *Correio da Manhã*, cujo presidente era Niomar Moniz Sodré Bittencourt e o diretor era M. Paulo Filho, publicado na cidade do Rio de Janeiro, há uma nota com o título de “Revolução em Ituiutaba” publicada na sessão “Diálogo com o Leitor”, na data de 24 de junho de 1964,⁴ que faz um critica aos acontecimentos, conforme segue:

Ituiutaba sofreu, nestes últimos dias, várias truculências de representantes do Comando Revolucionário (com esse nome é que chegada aqui) e tudo continua como se nada houvesse nessa expacata cidade. Tendo a frente o capitão Heck, sempre de “45” à cintura, acompanhado de oficiais e soldados portando metralhadoras, em poucas horas prenderam o prefeito José Arcênio de Paula (PTB), arrancaram o vice-prefeito Rodolfo Leite de Oliveira (PTB) e fizeram “renunciar” todos os vereadores do PTB. Agora, o prefeito é o Sr. Geraldo Gouveia Franco (UDN) e o vice é o Sr. Jurandir Inácio Moreira (PSD). Toda essa manobra partiu do Dr. José Féres e Geraldo Gouveia Franco (atual prefeito). Os dois, acirrados udenistas, há vários meses, antes da partida do Sr. Carlos Lacerda para a Europa, estiveram no Rio manobrando os meios políticos. Querem por tóda força colocar no poder, em todos os setores, os partidários da UDN. (VANDYK, 1964, p.5)

Acreditamos que o nome com que o leitor assina a nota publicada no jornal, Osmar Vandyk, se trata de um pseudônimo, pois trata de sessão de artigo escrito por algum leitor e não um jornalista do jornal *Correio da*

⁴ Jornal do acervo da Biblioteca Nacional.

Manhã. Osmar Vandyk demonstra ser alguém que era ou tinha relação com a cidade de Ituiutaba, observamos isso pela forma como narra os eventos ocorridos na cidade em 1964, que ao momento ainda estavam “frescos”. A carta se dirige a sociedade, não só tijucana, mais a todos que adquirem o jornal. A intenção de Vandyk é de denunciar os golpistas locais, como capitão Rech,⁵ chefe do comando militar que andava armado, junto aos seus soldados, que atuaram na deposição do prefeito e dos demais políticos do PTB. Ao final Vandyk afirma que Féres e Geraldo Gouveia Franco tramavam junto aos demais udenistas no Rio de Janeiro, meses antes do golpe civil-militar, a intervenção na cidade. Não encontramos nenhum outro documento sobre esses encontros.

A questão da arma é algo fundamental para a compreensão dessa trama, vemos o pavor que ela causa e expressa um modo de operar marcado pela violência e, sobretudo, pela aterrorização. Segundo José Arantes de Oliveira, homem que ocupou cargo legislativo diversas vezes em Ituiutaba e em 1964 foi um dos vereadores forçado a renunciar no momento do golpe, “o comando veio, o capitão Rech, com mais ou menos vinte ou trinta soldados com metralhadora [...]”. Nos depoimentos produzidos durante a pesquisa, quando os entrevistados falam sobre o comando, percebe-se nas narrativas a violência e o terror exercido pelo porte de armas por parte dos militares.

No jornal *Correio do Triângulo*, com a data de 5 de julho de 1964, encontramos um artigo que repete a nota, acima citada de Vandyk, e inicia-se uma defesa de José Féres. A defesa no título está endereçada ao jornal *Correio da Manhã*, na introdução diz “Em resposta, o Dr. José Féres (Zinho), presidente do diretório municipal da União Democrática Nacional, endereçou à direção daquele antigo e prestigioso órgão da imprensa carioca [...]” (JAYME, 1964, p.1). Féres tenta demonstrar aos leitores que não se importa com a nota de Vandyk (escrevendo o nome do autor como Wan Dyk e não Vandyk como consta no artigo), justificando que a sociedade legitima a ação da “Revolução de Ituiutaba”. Féres tenta usar um discurso legitimador sobre a deposição dos políticos, dizendo que havia “denúncias comprovadas” de corrupção.

Identificamos no conteúdo do *Jornal Correio do Triângulo*, um teor de apoio ao regime militar e a UDN. Concordamos com a ideia de Isaura Melo Franco e Sauloéber Tarsio de Souza (2011), a respeito desse jornal no qual os autores afirmam que: “Com a implantação do regime político militar no Brasil, constatamos neste período que o *Jornal “Correio do Triângulo”* passa a ser um veículo de comunicação representativo de ideais anti-comu-

⁵ Não nos foi possível levantar mais informações sobre o capitão Cláudio Rech. Esse nome aparece, apenas na nota publicada no jornal *Correio da Manhã* por Osmar Vandyk, na fala da entrevista de Rodolfo Leite de Oliveira na revista *Projeção* e no jornal *Correio do Triângulo* por José Féres. Vandyk escreve o nome como “Heck” enquanto Féres descreve como “Rech”, preferimos usar o último por questões de proximidade entre Féres e o militar.

nistas[...].” (FRANCO e SOUZA, 2011, p.107).

Encontramos também em uma revista local chamada *Revista Projeção* na edição de número 30 de novembro/dezembro de 2010, cujo jornalista e editor é Flávio Eurípedes de Oliveira, uma matéria jornalística sobre a vida de Rodolfo Leite de Oliveira. Essa matéria tem o título de *Rodolfo Leite e o golpe militar de 1964*. Entendemos que esse trabalho foi feito a partir de entrevistas com Rodolfo. Segundo o artigo da revista, José Arcênio de Paula, no ano de 1964 estava licenciado, logo quem estava atuando como prefeito era Rodolfo Leite. José Arcênio de Paula, mesmo hospitalizado ficou sobre vigilância. Com o argumento de subversão e corrupção forçaram a renúncia do prefeito, do vice-prefeito, de cinco vereadores, três desses vereadores, junto com um assessor foram presos. E além do fechamento do Jornal “Folha de Ituiutaba”, o dono desse periódico, também, foi preso e levado ao DOPS em Belo Horizonte. Em um trecho vemos que

[...] com metralhadoras, em atitude intimidante, os militares adentraram o gabinete do Executivo com o termo de renúncia do prefeito, do vice e dos vereadores do PTB já redigida. Exigiram a assinatura imediata. Com serenidade Rodolfo iniciou uma negociação delicada [...] (2010, p.57).

Vemos acima a demonstração da força militar por meio do armamento, de fato as forças militares são fundadas na violência - o medo bélico. Ao entrarem no gabinete, os militares usaram do poder para forçar a renúncia, de uma maneira ou de outra iriam depor os políticos, segundo relato, Rodolfo foi hábil ao negociar, pelo menos ao negociar pode ter diminuído os danos que os militares poderiam vir a causar. Segundo a revista os termos de Rodolfo Leite de Oliveira e demais políticos para a renúncia foram a liberação do assessor, dos vereadores presos, e término da vigilância ao titular José Arsênio; sindicância na prefeitura, para apurar as acusações; redigir à próprio punho a renúncia. (2010, p.57)

O termo “renúncia”, nesse caso é incorreto e inadequado, pois o conjunto de fatores que cercam esse evento permite concluir que se tratava muito mais de uma deposição orquestrada, com o uso dos mais contundentes recursos de violência e da força das armas como elemento de atemorização.

José Arantes de Oliveira, fala sobre o acontecimento da deposição do prefeito, do vice e dos vereadores:

[...] veio a remoção, em sessenta e quatro, do Zé Arcênio do PTB, do PTB no Brasil não ficou ninguém... caiu todo mundo e o Zé Arcênio foi preso, no hospital, porque ele tava doente na época, com um problema serio de coluna, eu não fui preso mais o Rodolfo Leite porque o Doutor José não deixou, ele era chefe da UDN, (José Arantes de Oliveira, 6 de Nov. de 2012.)

Outro entrevistado Sr. Fued Dib, que foi prefeito na cidade por dois mandatos e influente na política local relata que “o golpe aqui na cidade foi o seguinte é, é, é o pessoal da UDN que apoiava o golpe eles conseguiram junto à ditadura depor o prefeito da cidade, o vice-prefeito e todos os vereadores do PTB” (Fued Dib12, 9 de set. de 2009). Outros entrevistados, além de Fued, também deixam o seu testemunho, que reafirma a tese de Dreifuss (1981) de que o golpe não foi somente aplicado pelos militares, mas em cooperação com os civis, como este caso em que os políticos da UDN local atuaram de forma determinante para a ação.

A pesquisa nas fontes nos leva a formular a pergunta: qual foi o motivo para a deposição desses políticos? A análise da conjuntura local nos leva a acreditar que talvez tenha sido motivada pela concorrência local entre os demais partidos e a UDN. E que os políticos da UDN, fortalecidos pelos acontecimentos em nível nacional, tenham tirado proveito do golpe para conquistar os cargos perdidos na disputa política local. Segundo o entrevistado José Arantes de Oliveira, o motivo não foi a rivalidade com os demais partidos e sim propriamente com o PTB, pois “esse comando veio pra fazê a limpeza em Ituiutaba, pra eles a limpeza... tirar todo mundo do PTB e chegô e tirou na maior arbitrariedade, chegô e prenderam... chegô prendeu e prendeu!”

Folha de Ituiutaba: arbitrariedades e prisões

Encontramos no acervo jornalístico da cidade, documentos que tratavam tanto sobre a questão da deposição dos políticos locais, quanto sobre o comando militar na cidade. Não conseguimos encontrar nada sobre o fechamento da Folha de Ituiutaba. Ao buscar exemplares da própria *Folha de Ituiutaba*, encontramos alguns periódicos do Jornal, mas são escassos e faltam edições. A última edição do jornal que consta no acervo, no qual Ercílio Domingues Silva é o proprietário e Geraldo Sétimo o redator-chefe é datado do dia de 25 de março de 1964, bem perto da data do golpe civil-militar que ocorreu no dia 1º de abril de 1964, totalizando uma diferença de sete dias do dia da edição ao dia do golpe. Se o fechamento do jornal aconteceu a tempo de não sair outra edição, deduzimos que a ação militar foi bem rápida nesse evento. Não nos foi possível nem a partir da documentação textual e nem tão pouco das entrevistas afirmar a data precisa dos atos praticados pelo aparelho repressivo na cidade de Ituiutaba.

Ercílio Domingues concedeu um depoimento, utilizado nesse trabalho, no ano de 1995, onde ele abordou sobre os acontecimentos em que se envolveu:

[...]foi assim que eu dirigi aquele jornal 'Folha de Ituiutaba', durante longos anos, ou seja, até 1964, quando o jornal foi interrompido pelo golpe militar daquele ano, tendo sido o jornal interdito, dado à sua orientação independente. Então o jornal foi taxado de subversivo, exatamente por criticar, é... e anunciar que o golpe estava sendo perpetrado, isto é, estava sendo tramado nos bastidores da vida pública do país, e com isso o jornal foi perseguido, interdito [...]fomos, nessa perseguição, fomos presos, fomos porque não fui só eu, o redator também foi preso e processado por crime político, processo esse que andou de "seca e meca", foi parar até no Supremo, de lá retornando dois anos depois com o parecer do Sr. Desembargador, cujo nome eu não me recordo, sugerindo o arquivamento do processo por falta de fundamento com a seguinte expressão: 'seria inominável erro de justiça processar este homem', referindo-se ao meu nome, 'mesmo porque, em crime de ideologia não existe co-participação'.. (Ercílio Domingues Silva, 26 de set. de 1995)

Segundo Tânia de Luca (2006, p.129). "Em vários momentos, a imprensa foi silenciada, ainda que por vezes sua própria voz tenha colaborado para criar as condições que levaram ao amordaçamento [...]". De fato, a censura é uma característica de regimes autoritários.

Rui Costa, habitante da cidade e um leitor assíduo de história, filosofia, sociologia, ciências políticas entre outras, e um conhecedor da teoria marxista, ao narrar o fechamento do periódico *Folha de Ituiutaba*, propõe uma questão sobre a prisão dos dois e o fechamento do jornal, dizendo que "[...] foi fechado naquele tempo, em função da presença do Geraldo e do Ercílio, um como dono e o outro como redator chefe então além de prender os jornalistas, fecham o jornal junto também e será que o jornal não era crítico da política local?"

Segundo Maria Helena Capelato (1988), a fonte impressa se impôs como uma força política. O governo e as elites sempre tiveram uma relação estreita com essa mídia – medo e adoração - controlando, vigiando e/ou punido. Assim os jornais revelam formas simbólicas de lutas de representar a memória de um grupo ou mesmo de partidos políticos. Segundo a autora, a construção do produto jornalístico não interfere apenas nos elementos de quem o está produzindo, mas também nos interesses de quem se vincula a eles.

Várias vezes nas narrativas, os sujeitos entrevistados dizem que ambos tinham fama de comunistas/revolucionários: "[...]Ercílio era tido como comunista foi preso, foi preso e passou muito mal na prisão". (José Arantes de Oliveira, 06 de Nov. de 2012), ou ainda:

[...] foi preso, o Ercílio, o dono da gráfica, o dono do jornal foi preso que era uma pessoa muito conhecida[...] Então, eu não entendia, quando você é criança [...] . Mas eu tinha muita atenção nessas coisas, ouvia falar e ficava me perguntando por que essas

pessoas foram presas, por quê? São comunistas... e eu ficava indignado. (Rui Costa, 14 de agosto de 2008)

Segundo Rui Costa, que conheceu pessoalmente Geraldo Sétimo, diz que ele tinha uma grande bagagem de leituras marxistas e era um crítico do sistema capitalista, pois: “o Geraldo ele tinha na minha maneira de ver, o Geraldo foi a pessoa que eu acredito que tinha um estudo mais profundo da ideia marxista, dos textos de política de esquerda, acho que o Geraldo dentro desses foi o que mais cultivou [...]”. Apesar do editor-chefe ter essa carga de leituras marxistas, Rui Costa descreve que o jornal não era um jornal combativo ou de esquerda, segundo ele era um simples jornal de cidade do interior

Ao vasculhar o conteúdo das últimas edições do jornal em 1964, encontramos artigos como *Prefeito e vereadores iniciam luta contra a carestia* ou *Deputado Daniel adere às teses reformistas* entre outras. Acreditamos que o jornal Folha de Ituiutaba, talvez seja um jornal de tendências progressistas e não de esquerda crítica/revolucionária. Talvez, por si só, ter um discurso progressista, marcaria um discurso de afronta ao regime instaurado.

Outra hipótese levantada é a de que, pelo simples fato de Ercílio Domingues e Geraldo Sétimo terem fama de comunista na cidade de Ituiutaba no ano de 1964, foram vítimas da repressão do golpe civil-militar. Esse evento pode ter acontecido não por algo que o jornal ou os administradores dele fizeram ou escreveram e sim para intimidar e prevenir a população sobre a conduta que deveriam assumir durante os anos seguintes da ditadura.

Considerações Finais

Buscando compreender as marcas e heranças deixadas pelo Golpe Civil-Militar, observamos nas entrevistas que as memórias dos sujeitos da cidade, justificam a ação local se inserindo em um contexto nacional, sempre tentando legitimar que os acontecimentos não foram particulares à cidade de Ituiutaba e sim em várias cidades do Brasil - exemplo de que o Golpe afetou vários lugares do país e não somente os grandes centros urbanos, local onde as histórias sobre a repressão são mais difundidas e documentadas.

Pensando no contexto da memória coletiva da população de Ituiutaba, as memórias do golpe representam uma mudança drástica de comportamentos que foram impostos pelo autoritarismo do golpe de 1964 – principalmente pelo temor. Porém não isenta essa população de um pensamento crítico. A mesma ainda mantém a opinião, mas cala-se diante da violência (física ou psicológica) que lhe foi causada. Esse sentimento se perpetua na lembrança dos tujucanos como uma consequência das arbitrariedades locais.

Comprendemos que o tema deste trabalho é de importância relevante para a história local de Ituiutaba, porém encontramos um fator de dificul-

dade que é inerente ao trabalho de pesquisa. As fontes textuais e disponíveis são escassas, pois não há arquivo público na cidade, o que obriga o historiador a uma peregrinação e busca por pequenos vestígios e a montagem de um “quebra cabeças”, que vai se elucidando com a importante narrativa das memórias coletadas. Sendo assim, faz-se importante a continuidade deste trabalho, através da busca incessante por novas fontes que venham trazer mais luz sobre este momento obscuro da história política de nosso país e que atingiu, também as pequenas cidades em diferentes proporções.

Referências:

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

ALMEIDA, Maria Herminia Tavares. e WEIS, Luiz. Carro-Zero e Pau -de-Arara: O Cotidiano da Oposição de Classe Média ao Regime Militar. In: Novais, F. A. (Coord.) e Schwarcz, L. M. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil 4: Contrastes da Intimidade Contemporânea**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. Trad. S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, p.114-119, 1994.

CAPELATO, Maria Helena Rolin. História Política. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.9, n. 17, p. 161-165. 1996.

CARDOSO, Ciro Flamarion., VAINFAS, Ronaldo. História e Análise de Textos. In: CARDOSO, C. F., VAINFAS, R. (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 375-399.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado - ação política, poder e golpe de classe**. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

DELGADO, Lucilia Almeida Neves. 1964: temporalidades e interpretações. In: REIS FILHO, Daniel Aarão.; RIDENTI, Marcelo.; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto.(Orgs.). **O golpe e a ditadura militar: 40anos depois(1964-2004)**.Bauru:Edusc, 2004. p.15-28.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova ‘velha história’: o retorno da história política. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 265-271.1992.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. In: **Revista Brasileira de História**, v.24, n.47, p.29-60. 2004.

FRANCO, Isaura Melo; SOUZA, Sauloéber. Tarcio de. A juventude estudantil representada na imprensa escrita de Ituiutaba-MG (anos DE 1950 e 1960). **Emblemas** - Revista do Departamento de História e Ciências Sociais - UFG/CAC. v.8, n.1, p.93-112. 2011.

LUCA, Tânia Regina de. **A história dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153

MENDONÇA, S. R.; FONTES, V. M. “História do Brasil recente 1964-1992”. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n.10, 1992. pp. 200-212.

REMOND, René. (org.). **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha, 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; e MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)**. Baurú: EDUSC, 2004.

SEIXAS, Jacy Alves. Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história. In: **Revista da Unesp**. São Paulo, v.20, 2001, pp.93-108.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, 231p.

Fontes:

JAYME, Jayme Gonzaga. Revolução em Ituiutaba: nota publicada na secção Diálogo com o leitor, do **Correio da Manhã** e resposta do dr. José Féres (Zinho). **Jornal Correio do Triângulo**. N.11, ano I, Ituiutaba (Triângulo Mineiro), 5 de Jul. de 1964.

JAYME, Jayme Gonzaga . Ação do Comando Militar em Ituiutaba: Palpitante entrevista (Exclusiva) concedida a este jornal pelo Dr. José Féres (Zinho) presidente do diretório municipal da UDN. **Jornal Correio do Triângulo**. N.7, ano I, Ituiutaba (Triângulo Mineiro), 7 de Jun. de 1964.

JAYME, Jayme Gonzaga .Ituiutaba Sob Comando De Ação Militar. **Jornal Correio do Triângulo**. N.6, ano I, Ituiutaba (Triângulo Mineiro), 31 de maio de 1964.

OLIVEIRA, Flávio Eurípedes de. Rodolfo Leite e o golpe militar de 1964: o prefeito que vivenciou fatos ignorados por Brasília. In: **Revista Projeção**. N.30, ano IX, Ituiutaba-MG, Nov./Dez. de 2010. 115 p.

SÉTIMO, Geraldo. **Jornal Folha de Ituiutaba**. N.1314, ano XXII, Ituiutaba (MG), 25 de mar. de 1964.

VANDYK, Osmar. Revolução em Ituiutaba. PAULO FILHO, S.M (diretor). In: **Jornal Correio da Manhã**. N.A21.846, ano LXIV, Rio de Janeiro, 24 de jun. de 1964.

Fontes Orais:

COSTA, Rui. **Rui Costa**: depoimento [14 de ago.2008]. Entrevistadores: C. V. C. Ferreira e N. T. Zanco. Ituiutaba-MG:2011. Entrevista concedida á pesquisa memórias da repressão: o Golpe civil-Militar em Ituiutaba – MG (1964).

DIB, Fued. **Fued Dib**: Depoimento [09 de set.2009]. Entrevistador: P. A. Oliveira. Ituiutaba-MG: 2009. Entrevista concedida ao *Projeto Memória, História e Cidadania* - os sujeitos sociais e históricos e as suas relações nas e com as cidades no Pontal do Triângulo Mineiro.

FAISSOL, Afonso Arinos de Andrade: **Afonso Arinos de Andrade Faissol e Carmen Sílvia Chaves Faissol**: Depoimento [23 de mai.2012] Entrevistadores: C. V. C. Ferreira, D. M. O. Silva e M. F. A. Ferreira. Ituiutaba-MG: 2013. Entrevista concedida ao Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal – CEPDOMP.

OLIVEIRA, José Arantes de. **José Arantes de Oliveira**: Depoimento [06 de novembro de 2012]. Entrevistadores: C. V. C. Ferreira, D. M. O. Silva e T. Coimbra. Ituiutaba-MG: 2013. Entrevista concedida ao Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal – CEPDOMP.

SILVA, Ercílio Domingues. **Ercílio Domingues Silva**: Depoimento [26 de set.1995] Entrevistadora: D. M. O. Silva. Ituiutaba-MG:1995. Entrevista concedida a pesquisa de mestrado: Memória: Lembrança e Esquecimento. Trabalhadores nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro. 1950 e 1960.

Artigo recebido em 27-02-2014, revisado em 19-05-2014 e aceito para publicação em 11-06-2014.